

## CAPÍTULO 4

# *Royal Dansk*:<sup>1</sup> o biscoito da lata azul bonita e a metalinguagem da linha abissal

*Karina de Souza Trindade*

São Paulo, na década de 1970, recebeu um contingente aproximado de 2 milhões de migrantes (Cunha; Baeninger; Carmo; Antico, 2000), chegando à proporção de seis “forasteiros” a cada dez habitantes, muitos deles oriundos do nordeste do Brasil (Rolnik, 2013). Nesse fluxo migratório estavam dois baianos arretados: Altenor e Djalma, meus pais. Ambos vieram muito jovens para São Paulo, acreditando na possibilidade de melhores condições de vida. Após o casamento, “Seu Tena” e “Dona Date” fixaram residência em Embu das Artes, cidade localizada na Região Metropolitana de São Paulo, região que figura como a maior receptora “de migrantes do país e, ao mesmo tempo, a mais atingida pela reestruturação econômica, cuja atratividade se reduzia, uma vez que se tornavam cada vez mais escassos os empregos com vínculos minimamente estáveis” (Cano, 1995 *apud* Silva, 2008). “Paínho”, pedreiro, e “mãinha”, doméstica, trouxeram na bagagem muitas referências da cultura do sertão baiano, que foram acrescidas de outros elementos, o que deu a eles uma construção social ímpar posteriormente transmitida a mim e aos meus irmãos. Por morarem em um município dormitório, acordavam muito cedo para irem trabalhar em São Paulo e as rádios AM eram as companheiras e também os

---

<sup>1</sup> Para conhecer o conceito de Royal Dansk, acesse: <https://www.royal-dansk.com/>. Acesso em: 20 set. 2023.

despertadores para não se perder a hora, já que as ondas de “amplitudes moduladas” eram (e continuam sendo) a frequência que acessa os esquecidos às margens (Bertolotto, 2018). Havia dias em que toda a família acordava ao som de samba. Outros em que a trilha sonora era música sertaneja. Às vezes, um mix dos mais variados estilos.

Meus irmãos e eu crescemos em um meio bastante musical, apesar de nossos pais não serem músicos. Minha mãe, evangélica, entoava assobios harmoniosos, reproduzindo canções de Milton Nascimento, Riachão e Nelson Ned, enquanto meu pai acumulava LP ganhados dos patrões, em sua maioria de Roberto Carlos e duplas sertanejas, como Leandro e Leonardo e Chitãozinho e Xororó. O samba sempre esteve presente na trilha sonora da família, mas com minha mãe – a responsável pela educação religiosa dos filhos – se estabelecendo mais e mais na religião cristã, fomos gradativamente proibidos de ter acesso a qualquer tipo de conteúdo que fazia referência ao que era considerado “demoníaco” pelo cristianismo. Religiões de matrizes africanas eram (e continuam sendo) um dos maiores alvos desses preconceitos, que tiveram “início ainda no período escravocrata, quando os negros eram reduzidos ao símbolo de inferioridade, de seres selvagens que deveriam ser salvos pela fé cristã hegemônica” (Nogueira, 2017 *apud* Torres; Martins, 2021). Com isso, o samba foi um dos estilos cerceados em casa, e seria completamente rejeitado se não fosse o pagode romântico, que se tornou nossa maior ligação com o mundo do samba durante a década de 1990. Isso porque as músicas veiculadas nas rádios AM e FM não eram as do chamado “lado B”, mas sim as canções do disco que abordavam o amor e dilemas de relacionamentos, que não faziam referências específicas à cultura afro-brasileira e dialogavam com a música internacional (Trota, 2006).

É nesse cenário que o pagode romântico, além de trilha sonora da minha infância, tornou-se minha primeira referência de cultura negra, que posteriormente teria o acréscimo de bandas femininas de R&B e grupos de rap americanos, pois, aparentemente, o Cristo da igreja que minha mãe frequentava não era bilíngue.

Meu gosto musical seguiu sem questionamentos, até a transição da pré-adolescência para adolescência, quando eu passei a ser notada pelo corpo docente da escola. Passei a ser a aluna com potencialidade de ingressar no ensino superior, ainda que negra, periférica e oriunda do ensino público. Desde então frases como: “bons alunos têm que ouvir música boa!”, “Karina, logo você!? Tão boa aluna... tem que ouvir música de qualidade!” passaram a ser parte do meu cotidiano escolar. De todas as microagressões diárias sofridas, a mais marcante, certamente, foi uma professora de português usar a música que escolhi para uma atividade de “poesia musicada” (a saber: Grupo Raça, “Volta de vez pra mim”) e usá-la como exemplo do

que, na concepção dela, de forma alguma poderia enquadrar-se como poesia, ainda mais musicada. No entendimento daquela professora, “poesia musicada” era a obra de Vinícius de Moraes, João Gilberto, Chico Buarque, entre outros. Discursos como este me fizeram tentar ser roqueira, amante da MPB “A” e da Bossa Nova, com seu banquinho e violão. Uma clara tentativa de adequar meu gosto musical a um padrão culturalmente aceito e tido como ilibado: a “alta cultura”!

Martins e Sérgio (2013) colocam que a “alta cultura” evidencia e atesta sua “superioridade” na “medida em que se torna inacessível ao grande público” (Martins; Sérgio, 2013, p. 137). Ou seja: pautada na “exclusão das massas”, além da “negação da sua humanidade” (Storey, 2003 *apud* Martins; Sérgio, 2013, p. 137). Com o tempo, conversando com outras pessoas com origens iguais às minhas, que também passaram por esse racismo velado, percebi que:

As representações da arte ou cultura africana e/ou afro-brasileira sejam elas músicas, danças, performances, seus contos, lendas, dentre outras, ainda são motivos no espaço escolar, de chacota ou discriminação, sendo estas quase sempre tratadas, por alguns, como algo místico, inferior, feio ou estereotipado (Xavier, 2014).

Como o corpo docente previa, alcancei o ensino superior, por duas vezes, mas na segunda graduação algo estranho aconteceu. Após me formar no ensino médio, fui aos poucos me libertando dos preconceitos introjetados em mim, fui me despidendo da “vergonha” de gostar de pagode e voltei a assumir com orgulho que sempre fui pagodeira, até tomar a consciência de que tinha entrado em uma das universidades mais renomadas do país: a USP. Então, a mulher que já gritava aos quatro cantos ser pagodeira com orgulho, fãzona do Péricles, se percebe em um ambiente extremamente elitizado, em que ser negra, pagodeira e periférica reaparece como algo questionável, com o *plus* de ser oriunda do ensino público. Minha capacidade, bagagens cultural e intelectual voltaram a ser postas à prova a todo instante, tanto por professores, quanto por colegas oriundos de colégios tradicionais, que me evitaram ao saber que estudei a vida toda em escola pública, mas que tentaram se aproximar ao ver a “fubazenta”<sup>2</sup> com a terceira melhor nota da classe (que tinha uns 50 alunos) em uma das matérias mais temidas.

Pois é, quando pensei ter finalmente superado os comentários classistas e racistas sobre minha origem e preferência musical, me vi enfrentando tudo novamente. É a partir dessas experiências de vida, dentro e fora da academia, que emergem as reflexões, desabafos e provocações trazidas neste artigo, para deixar claro de uma vez por todas que “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para

---

2 Forma pejorativa de referir-se a estudantes de baixa renda, muito popular na década de 1990.

‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2007, p. 21).

Nos seis longos e árduos anos da minha graduação na Universidade de São Paulo, passei por diversas situações desagradáveis e cheguei à seguinte conclusão: sabe por que a elite se incomoda com negro periférico disputando o mesmo espaço que eles na academia? Porque, como eles mesmos dizem, falta repertório! Sim: FAL-TA RE-PER-TÓ-RIO! Quem diria, né? A geladeira cheia de danone, comendo carne todo dia, vestindo roupa de grife; Foucault e Marx na ponta da língua, viagens internacionais, três línguas fluentes; colégios caros, o português culto em dia e os *carai...* E, ainda assim, precisam teorizar os Racionais MC’s pra conseguir entender: “Se o dinheiro constar eu não gasto sozinho” (Racionais MC’s; Rosana Bronks, 2002). Só validam as músicas que falam da dor de amar quando estas se enquadram em versos como: “Aliás, aceite uma ajuda do seu futuro amor pro aluguel. Devolva o Neruda que você me tomou e nunca leu” (Buarque, 1978), mas julgam a delícia de sofrer ouvindo: “E depois de tanto tempo eu me vejo no abandono, e me sinto um cão sem dono, sem abrigo pra ficar. E depois de tanto tempo minha dor volta pra casa, meu sossego cria asa, meu sorriso quer chorar” (Grupo Raça, 1994). No entanto, me solidarizo, afinal, deve ser uma tristeza sem tamanho ter que assimilar que a periferia (mesmo com dificuldade) consegue entender seus autores pomposos e os termos difíceis, tudo isso trabalhando em dois empregos, levantando antes do sol nascer e pegando busão lotado.

A elite, incluindo a elite acadêmica, não sabe o significado verdadeiro da palavra “coletividade”! Nós, os marginalizados, nos importamos com o outro e não com o que ele tem pra oferecer: se a gente chama alguém pro churrasco e essa pessoa diz estar sem dinheiro para contribuir, jamais um favelado irá responder: “que pena! Fica pra próxima então”. Aqui, a gente responde: “não perguntei! Falei pra colar, carai! Só chegar”. É o verdadeiro “nóis por nós” (A286; Facção Central, 2010). A falta dessa parceria é uma das coisas que mais me afetou (e ainda afeta) como periférica dentro da academia. Quando se fala da solidão do periférico no meio acadêmico, tenho a impressão de que os docentes e a coordenação entendem apenas como uma questão afetiva, algo relacionado a não ter companhia, simplesmente. Claro que isso é sim uma realidade, mas tal percepção está sob o guarda-chuva de um limbo sociorracial em que o seu colega – que é até gente boa – não entende seu desabafo sobre o trabalho que corrói sua sanidade diariamente e responde: “falta hoje!”, “pede demissão!”. Ele não sabe o que é perder o sono por faltar grana pra inteirar o aluguel: “nossa, mas dia 15 do mês e você não tem R\$ 80?”. Sem mencionar as frases de alguns professores: “se você chega atrasado na aula por conta do trabalho, ou atrasado no trabalho por conta da faculdade, significa que um dos dois não é pra você”.

Na academia, tudo é muito polido, rebuscado, velado. Ninguém vai chegar em você e dizer com todas as letras que ali não é seu lugar. Está tudo nas entrelinhas, e esse embate cotidiano “enche de dúvidas minhas certezas e esvazia meu ânimo, como quem fura um balão com água usando um palito. Nunca de uma vez. Gradativamente, pra que eu perceba, mas não possa fazer nada” (Gugu, 2018). Dessa forma, os estudos de um favelado que se atreveu “roubar” a vaga do filho do patrão torna-se uma luta constante entre não desistir de tudo – já que estamos “do lado oposto pra sonhar” (Visão de Rua; RZO, 2004), e entender que desistir não é uma opção, porque estar ocupando a cadeira de uma universidade pública não é só sobre você, mas também sobre muitos e muitas iguais a você. Tem a ver com os que vieram antes e suportaram incontáveis humilhações.

Sabe, certa vez, em uma aula, pediram para que escolhêssemos uma música que tivesse (ou esteja) nos acompanhando durante nossa trajetória acadêmica e pessoal. Escolhi “Dona Maria”, do grupo de rap Posse Mente Zulu, com a participação de Leci Brandão, que narra a vida de Maria que:

Levanta as 4:30 pra atender a freguesia. Essa é a vida da preta lavadeira, que vive na labuta de segunda a sexta-feira. Tem mais de 60, tá na correria. Trampa como pode pra ganhar o pão do dia a dia. Que agonia! Pobre periferia! Pra ganhar 50 vai mexer com água fria (Zulu; Brandão, 2004).

Não existe a possibilidade de eu afirmar ou cogitar que cheguei até aqui sozinha, esquecendo da minha mãe, do meu pai, das minhas tias, de todos os meus mais velhos que costuraram “a vida com fios de ferro” (Evaristo, 2016, p. 9) para que fosse possível que eu tivesse a oportunidade de sonhar. “Não esqueci da senhora limpando o chão desses boy cuzão” (Emicida; Dona Jacira; Anna Tréa, 2015). Aliás, me lembro bem! Lembro da minha tia me explicando os cômodos aos quais pertencíamos e que não podiam ser ultrapassados: a cozinha, o quartinho, a lavanderia. Lembro também de estar na sala de jantar, da mesa grande, das cristaleiras, do aparador. Lembro de o patrão aparecer e perguntar se eu queria os biscoitos chiques da lata azul bonita. Lembro dele me negar e trancar a lata azul bonita no alto da cristaleira. Lembro de ele chamar a atenção da minha tia por eu ter ultrapassado a linha. Lembro de chorar, sentida, enquanto minha tia levava bronca e tentava me fazer calar. Lembro de ter três ou quatro anos. Lembro de não esquecer. Descobri esses dias que minha tia também nunca esqueceu, mas achou que eu não lembrava; porém, eu lembro, exatamente pra nunca esquecer “porque a memória tem a capacidade de te por de pé diante das afrontas de maneira crítica. A memória é a consciência crítica” (Krenak, 2020).

É essa criticidade adquirida por meio dos episódios de racismo e classismo sofridos por mim e minha família, salvaguardados em minha memória, que consigo forças para seguir na academia. Mesmo me perguntando, quase que diariamente: por que optei em mandar um projeto de mestrado ao invés de um currículo?

É a memória de ter ouvido, veladamente, do “professor doutor” participante da arguição do meu projeto que o pagode romântico é um estilo menor e que: “Karina, você tem que aproveitar a moda de pesquisar música periférica na academia, para não perder o *timing* do que sua pesquisa propõe”. Resumindo: é canalizando o ódio gerado nessas pequenas afrontas diárias que consigo impulso. Esse ódio já foi acionado até em discussões acaloradas em aulas do mestrado, cuja epistemologia é o decolonial, ao ver uma grande parte da sala descobrir “o outro” nessa altura do campeonato, já passados 45 minutos do segundo tempo. E, mais do que perceber “o outro”, ver a decepção ao se dar conta de que, por mais que estejamos em uma universidade reconhecida mundialmente, ainda estamos “do outro lado da linha” (Santos, 2010).

Quando as questões da “linha abissal” (Santos, 2010) são trazidas para as vivências do favelado, é nítido que estamos do outro lado da linha, do outro lado da linha. Quase que uma resignificação do “avesso do avesso do avesso” (Velo, 1978). “Da ponte pra cá” (Racionais MC’S, 2002) desde o nascimento, somos expostos a apropriações, violências e percebidos como selvagens e sub-humanos. Toda vez que nós nos atrevemos a atravessar a linha, fica clara a tensão entre nós e os privilegiados que estão “do outro lado da linha”: seja a criança que “invade” a sala de jantar do patrão da tia, seja ela crescida “roubando” a vaga do filhinho de papai na graduação e no mestrado. Eu “nasci preto, sem grana, num país de terceiro mundo. Vixe! Cê acha que eu assusto com termo crise?” (Emicida, 2010) Não! Em absoluto. Sendo assim, vocês que lutem com as tensões, as crises e os problemas criados por vocês mesmos. Porque eu e a minha gente não nos comovemos “com o pranto de quem é ruim” (Lara, 1981).

## REFERÊNCIAS

- A286; FACÇÃO CENTRAL. Nois por nois. In: *Mix-Tape: o jogo*. vol. 1. São Paulo: Produção independente, 2010. Faixa 9. 1. CD.
- BERTOLOTTO, R. *País sem sintonia: depois de integrar o país por décadas, o rádio vive mudanças que podem provocar o efeito contrário*. Tab Uol. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/radio/>. Acesso em 9 nov. 2022.
- BUARQUE, C. Trocando em miúdos. In: *Chico Buarque*. São Paulo: Philips, 1978. Faixa 3. Lado A. 1. Vinil.

- CUNHA, J. M. P.; BAENINGER, R.; CARMO, R. L.; ANTICO, C. Dinâmica migratória no estado de São Paulo. In: HOGAN, D. J.; CUNHA, J. M. P.; BAENINGER, R.; CARMO, R. L. (org.). *Migração e ambiente em São Paulo: aspectos relevantes da dinâmica recente*. Campinas: Núcleo de Estudos de População/Unicamp, 2000.
- EMICIDA. Avua Besouro. In: *Emicídio*. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2010. Faixa 17. 1. CD.
- EMICIDA, DONA JACIRA, ANNA TRÉA. Mãe. In: *Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa*. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. Faixa 1. 1. CD.
- EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- GUGU, M. Marcello Gugu. São Paulo, 3 ago. 2018. Facebook: Marcello Gugu @marcello.gugu. Disponível em: <https://www.facebook.com/marcello.gugu/posts/pfbid0dJYHqYps3kvtiSAU9L6io7yHE3or5AEJaNK7L3WhJWvBoCByVmW3yyFYrp1dfpGYL>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- GRUPO RAÇA. Volta de uma vez pra mim. In: *Dengo*. São Paulo: BMG, 1994. Faixa 3. Lado A. 1. Vinil.
- KRENAK, A. *Vozes da Floresta*. Direção: Thiago B. Mendonça. Roteiro: Thiago B. Mendonça. [S.L.]: Le Monde Diplomatique Brasil, 2020. (60 min.), On-line, son., color. Série Vozes da Floresta. Produzida com o apoio do Rainforest Journalism Fund, em associação com o Centro Pulitzer. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=KRT-JIh1os4w&t=21s&ab\\_channel=LeMondeDiplomatiqueBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=KRT-JIh1os4w&t=21s&ab_channel=LeMondeDiplomatiqueBrasil). Acesso em: 14 jul. 2023.
- LARA, D. I. Tendência. In: *Sorriso negro*. São Paulo: EMI Odeon, 1981. Faixa 5. Lado B. 1. Vinil.
- MARTINS, R.; SÉRVIO, P. P. *Polêmicas e indagações acerca de classificações da cultura: alta, baixa, folk, massa*. Goiânia: Visualidades, 2013. v. 10, n. 1. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23088>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- RACIONAIS MC'S; ROSANA BRONKS. 1 por amor, 2 por dinheiro. In: *Nada como um dia após o outro*. São Paulo: Cosa Nostra/Zâmbia, 2002. Faixa 11. 2. CD.
- RACIONAIS MC'S. Da ponte pra cá. In: *Nada como um dia após o outro*. São Paulo: Cosa Nostra/Zâmbia, 2002. Faixa 21. 2. CD.
- ROLNIK, R. Viva São Paulo, a maior cidade nordestina do Brasil! 2013. Blog da Raquel Rolnik. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2013/10/11/viva-sao-paulo-a-maior-cidade-nordestina-do-brasil/>. Acesso em: 09 nov. 2022.
- SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

- SILVA, U. V. *Velhos caminhos, novos destinos: migrantes nordestinos na região metropolitana de São Paulo*. 2008. 178 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- TORRES, M. R. S.; MARTINS, N. Intolerância religiosa e a demonização de religiões de matriz africana na “pandemônia”. *Revista Relegens Thréskeia*, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 301-319, jan, 2021.
- TROTTA, F. *Samba e mercado de música nos anos 1990*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- VELOSO, C. Sampa. In: *Muito*. São Paulo: Philips, 1978. Faixa 2. Lado B. 1. Vinil.
- VISÃO DE RUA; RZO. Amor e ódio. In: *A noiva do Thock*. São Paulo: Rhythm & Blues Records, 2004. Faixa 3. 1. CD.
- XAVIER, R. S. S. Em busca de uma educação antirracista através da arte: a representação do universo negro na escola. *Cadernos Imbondeiros*. João Pessoa, v. 3, n. 2, p. 1-12, 18 mar. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/view/21852/12860>. Acesso em: 28 out. 2022.
- ZULU, P. M.; BRANDÃO, L. Dona Maria. In: *Revolusom a volta do tape perdido*. São Paulo: Unimar, 2004. Faixa 3. 1. CD.